

Relações Israel-palestina: incertezas quanto à possibilidade de paz

*Tainá Leandro
10/01/2006*

Em fevereiro de 2005, a relação entre israelenses e palestinos sofreu uma inflexão. Ariel Sharon, Primeiro Ministro de Israel, e Mahmoud Abbas, o Presidente da Palestina, acordam fim das hostilidades. Por um lado, Sharon avançou em um projeto de altos custos políticos: retirada dos colonos judeus da faixa de Gaza. Por outro, Abbas se comprometeu em controlar extremistas palestinos, evitando assim ataques terroristas. Um ano depois, o quadro político dos dois países modifica-se, gerando incertezas sobre o futuro do cessar fogo entre palestinos e judeus.

Sharon sofre um derrame que o afasta do cenário político israelense. Isso torna a política israelense especialmente duvidosa, pois tal líder era o pivô de importantes mudanças no sistema partidário israelense. As severas críticas que Sharon passou a receber da ala direita do Likud o fizeram fundar um novo partido de centro, Kadima, que aliado ao Partido Trabalhista conseguiu apoio suficiente para seguir com a retirada de colonos da faixa de Gaza. Contudo, após a grave enfermidade de Sharon, o destino de Kadima se torna incerto, pois o peso político deste partido dependia em grande parte do carisma de seu líder.

A política palestina sofre transformações ainda mais significativas. As eleições para parlamentares em janeiro de 2006, a primeira em uma década, tiveram como resultado a vitória do partido de oposição, Hamas, que ganha 76 cadeiras das 132 totais. Isso seria um fato trivial se tal partido não fosse classificado como uma organização terrorista por Estados Unidos e União Européia ou se Hamas não houvesse declarado, anteriormente, não aceitar a existência de Israel.

A vitória de Hamas não representa, necessariamente, o interesse do povo palestino em uma política agressiva com relação a Israel. Suas propostas se referiam principalmente a questões internas como combater a corrupção, incentivar a educação, investir na criação de empregos e criar um Estado de lei e ordem. Por outro lado, Fatah, partido de posição, estava desgastado. Enfrentava uma crise fiscal, não conseguiu melhoras econômicas significativas em Gaza, além de sofrer com escândalos de corrupção. Por fim, declarações da Europa e Estados Unidos, nas quais ameaçavam retirar os fundos de ajuda destinados à Palestina se Hamas ganhasse as eleições, ampliou a credibilidade do Hamas, ao invés de enfraquecê-lo, contribuindo, assim, para sua vitória. Contudo, um governo conformado por um grupo classificado como terrorista é *per si* um fator de instabilidade para a região.

Os Estados Unidos passaram a ameaçar o Hamas com cortes de ajudas financeiras destinadas à Palestina se tal grupo não reconhecesse Israel e insistisse em métodos violentos. As declarações norte-americanas foram interpretadas como chantagem pelo Hamas, incentivando-o a adotar uma posição mais dura, na qual afirma que utilizará todos os métodos para defender sua população contra as agressões de Israel.

Por outro lado, é patente que a vitória de Hamas influenciará as eleições israelenses em março deste ano. As propostas dos partidos referentes a como lidariam com Hamas serão levadas em conta pelos eleitores israelenses, o que pode fortalecer a ala conservadora do Likud, que tradicionalmente adota posições mais duras frente a Palestina.

De fato, este é o começo de um período de incertezas. O acordo que determinava o fim das hostilidades entre Israel e Palestina pode ficar comprometido com saída de Sharon do quadro político israelense, por um lado, e a vitória de Hamas nas eleições palestinas, por outro. Posições mais radicais dos dois governos podem gerar uma escalada de violência, prejudicando a estabilidade da região e a possibilidade de criação de um Estado palestino.